*Texto sobre a Origem da Língua*

Dicionário filosófico das línguas – dicionário ou léxico pessoal. Reconstrução da história do espírito. (texto número 1)

O que é mais digno e importante para o homem do que investigar as produções das forças humanas [*menschliche* *Kräfte* = também faculdades ou poderes humanos], a história dos esforços humanos e as criações de nosso entendimento. E quão interessante não se torna a filosofia [que reflete] sobre a infância da língua, quando nela vejo ao mesmo tempo a alma humana se desenvolver, vejo a língua se formar segundo ela, e ela se formar segundo a língua – a maior obra do espírito humano. (*Fragmentos sobre a Litteratura Alemã* - sobre a hipótese de Süßmilch - , apud Pross, p. 1176)

Texto 2:

2) Não raro o uso diversificado de uma palavra contém muita riqueza que serve de matéria para investigação. Baumgarten fez, por isso, muito bem em inserir depois do seu *definitum* principal [*Hauptdefinitum*] os sinônimos da palavra a ser definida por ele, quer a significassem exatamente, quer aproximadamente. Não vejo que tenha feito todo o uso dessa diferença linguística, mas creio que se a observássemos como pegadas de um caminho já trilhado [*eingetretene Fußtapfen*], teríamos ao menos mais indícios de nos aproximar da verdadeira definição. Na sua língua latina, em que por tantos séculos a filosofia já se atrofiara, Baumgarten já se encontrava diante do uso que dela havia sido feito pelas escolas, uso que na maioria dos casos ele seguia, sem reparar nas significações secundárias [*Nebenbedeutungen*: acessórias, paralelas]. Ora, se houvesse um filósofo alemão que pudesse esquecer todo o uso das escolas e toda a filosofia grega e romana (que arte dificílima esta!) e que filosofasse em nossa língua, por assim dizer, radicalmente\*; que não colocasse as designações dela como adendos após o termo escolástico corrente, latino ou latino-alemão, mas assumisse como sua principal tarefa *procurar* uma filosofia para nossa língua [*unserer Sprache eine Philosophie anzu*schaffen = criar e providenciar]: este deveria partir do uso corrente de uma palavra, procuraria desenvolver, determinar, definir seu conceito e aprimorá-lo, onde necessário, a partir da filosofia acolhida de outras línguas. Uma pequena obra deste porte, construída em solo alemão, não romano ou semigrego, não seria um sistema acabado segundo o figurino da linguagem de cátedra, mas útil a nossa língua, talvez propícia a abrir novos caminhos para a filosofia, agradável ao bom senso, acessível ao uso comum e patrimônio inestimável à nação alemã. Os alemães já alcançaram tantos méritos próprios no solo das abstrações, que me espanto por que ainda permanecem vassalos [*Lehnsträger*] da filosofia latina, e ainda prendem a pontos das línguas estrangeiras os fios que teceram por si mesmos.

Uma filosofia alemã neste sentido parece de início algo fácil e quase desnecessário; mas assim o parece apenas antes de nos lançarmos na empreitada. A língua latina é, em si, pobre e deficiente, embora o grego e esforços de tantas eras escolásticas a tenham ajudado a se tornar, para especulações, uma oficina de designações, definições e divisões bem acabadas: já temos todos esses utensílios diante de nós. A língua alemã, não obstante ser, por seus nervos internos, infinitamente mais forte do que aquela, ainda não se tornou uma língua filosófica clássica desde a raiz, e talvez só o venha a se tornar tardiamente, por intermédio de um homem que seja, para a filosofia, o que *Shakespeare* foi para a poesia de seu país, no tocante a seus erros e a seus grandes méritos. Mas o que nos faria aproximar desse propósito seria um verdadeiro *léxico* filosófico, compilado por um filólogo e filósofo {*von einem Sprach- und Weltweisen*]; não um léxico extraído, em forma de verbetes, dos sistemas habituais, nem composto a partir do latim, mas produzido nos poços de nossa língua e no nosso modo de pensar e viver. É somente desse ponto de vista que o plano de Sulzer de fazer um léxico de estética tem o meu aplauso, pois de qualquer outro ponto de vista seria preferível uma investigação analítica concatenada; para o meu objetivo, porém, seria bem conveniente extrair a estética da língua, e a língua da filosofia. O testemunho de que não é fácil filosofar na língua alemã nós o temos nas dificuldades sentidas por Baumgarten, e fazê-lo está reservado, portanto, a um segundo Sócrates, que trouxesse a filosofia de volta do estrangeiro e conhecesse, segundo a expressão de Horácio, o que devia à sua pátria e a seus irmãos.

Eu viro a página e mostro ao leitor como a marca da filosofia facilmente se apaga quando ela se encontra demais com a língua. Uma língua inteiramente filosófica seria uma fala dos deuses, que viam como as coisas do mundo se formavam, que observavam os seres no estado de seu vir-a-ser e surgir e que, portanto, criaram *genética* e *materialmente* o nome de cada coisa. Mas como essa língua do Olimpo permanece entre os mistérios que nenhum ouvido ouve, nem ouvido humano pode ouvir, aqui é preciso diferenciar, conforme aquele antigo ditado grego, a língua dos deuses imortais, detentores das felizes moradas, e a língua dos terrestres, dos homens que voltam os olhos para a terra. Estes não designam as coisas como as *produzem*, mas como elas lhes *aparecem*; não segundo a essência delas, mas segundo sua forma; aquilo pode fornecer *substâncias aparentes*, isto, *designações vazias*, e ambos, portanto, enganam. Daí que as definições nominais sejam com frequência tão aparentes em relação a seu objeto ou vazias em sua definição, e a língua dos eruditos às vezes tão desfavorável. Também Baumgarten, esse filósofo filólogo, não teria por vezes caído nela?

Herder, J. G. *Von Baumgartens Denkart in seinen Schriften*. In: *Werke*. Edição de Wolfgang Pross. Munique: Carl Hanser, 1987, vol. II, p. 14-16.

\* *Von Grund aus*: desde a raiz, desde o fundo, desde o fundamento, desde a base.

3) Kant, *Cursos de Antropologia*. In: *Kant’s gesammelte Schriften*, v. XXV, 2.

*Menschenkunde*, 1781-82(?), pp. 983-984:

Em todos os povos, a linguagem poética veio antes da boa prosa. Entre os gregos, os melhores poemas existiram antes do que a pior prosa, de modo que toda a história deles não foi escrita senão em versos, e já foi um grande passo quando se começou a escrever história em prosa. Por isso, toda a antiga filosofia também era em versos. Ferecides, Heráclito e outros foram os primeiros a exprimir proposições filosóficas em prosa; pois para o discurso filosófico se exigiam idéias abstratas, que depois eram pensadas. Assim, por exemplo, as palavras *certitudo*, *impossibilitas*, não ocorrem em parte alguma de Cícero. A poesia foi um enorme arrojo do gênio humano, uma vez que todos os conceitos são apresentados sob imagens. Era preciso começar então a designar os conceitos do entendimento mediante expressões adequadas, mas faltavam as palavras, de modo que aquilo que Heráclito havia escrito não podia ser entendido por Sócrates, já que a língua era muito pobre em idéias abstratas; por isso é compreensível como em todos os povos o início é feito por uma espécie de poesia, e a eloqüência vem em seguida.

Temos de fazer distinção entre facúndia, oratória e eloqüência. Facúndia é vivacidade para falar facilmente das coisas, encontrada principalmente nas jovens; se está ligada à inclinação de falar muito, é loquacidade; esta é um erro, mesmo que por vezes ocorra numa reunião silenciosa. Não devemos buscar a eloqüência, mas a oratória, pois a eloqüência é própria dos sofistas, que defendem uma causa ruim e querem destruir algo por meio de palavras; o que lhes importa não é a correção, mas a profusão de suas provas. Onde a eloqüência convém menos é no púlpito, pois ali não se deve ser eloqüente, mas transmitir certeza. Eloqüência é a arte de falar e persuadir e, por isso, não condiz com a dignidade da filosofia e da religião. Mas a oratória, ou correção elegante da linguagem, é algo de bastante belo; a oratória se volta mais para o entendimento do que para a sensibilidade e visa ornamentar nossos conceitos por meio de imagens. Um dia, teve-se a idéia de introduzir a eloqüência oriental na Alemanha, mas temos de agradecer aos céus por nos termos livrado dela, pois os povos orientais têm sempre um estilo bombástico para suas idéias, que vão alem dos limites do entendimento.

Nós europeus estamos habituados a uma certa pureza no pensar; aquilo que é muito cheio de adornos e enfeites não condiz com o caráter de povos europeus esclarecidos, e todo o costume dos povos ocidentais é de tal índole, que querem ter mais para o entendimento do que para a sensibilidade.

A sensibilidade deve dominar apenas até o ponto de dar vida aos conceitos do entendimento, mas não de obscurecer o entendimento e de desviá-lo de seu objeto.

Antropologia *Mongrovius*, 1784-85, p. 1233.

Entre todos os povos orientais a sensibilidade do conhecimento está muito presente, pois lá falam tudo por imagens e não têm essas palavras espirituais e abstratas como nós, o que mostra, porém, fraca cultura do espírito deles, pois nisso se equiparam aos primeiros homens, que tinham também uma escrita hieroglífica [escrita por imagens = *Bildeschrift*]. Meiners faz a esse respeito a elegante observação de que a escrita em versos ocorreu antes da escrita em prosa, e de que, no início, todas as ciências foram ensinadas em versos, inclusive a filosofia.\* Mas isso decorre de que os primeiros homens sempre falaram em puras imagens e ainda não tinham palavras para conceitos abstratos, porque estes não ocorrem na vida comum. Ora, só o verso é adequado a essa escrita por imagens, e pela métrica se entretém ainda mais a imaginação [*Einbildungskraft*]. Assim, Orfeu e outros cantaram a primeira filosofia em versos, Heráclito foi o primeiro a falar em prosa, e também foi incompreensível para os gregos, porque não pôde encontrar palavras para exprimir conceitos abstratos. Mas assim que se começou a falar por meio de conceitos, foi introduzida a prosa. Foi assim que posteriormente Parmênides, Anaximandro e Pitágoras já se serviram da prosa para sua filosofia. Como em seguida a filosofia prosperou entre os gregos, eles enriqueceram sua língua com uma porção de conceitos abstratos. Os romanos começaram mais tarde a praticar filosofia e outras ciências, mas não chegaram tão alto quanto os gregos. Por isso também não tinham tantas palavras abstratas em sua língua.

Desse breve resumo da história das línguas humanas se pode ver que os povos orientais ainda têm uma língua infantil da humanidade e que os ocidentais já se afastaram muito mais da sensibilidade e se elevaram aos conceitos do entendimento. Por isso seria ridículo que nós, que já temos uma língua mais adulta [= mais máscula, mais varonil = *männlich*], a trocássemos pela língua infantil dos povos orientais, e devêssemos começar a falar por meras imagens, como a tal nos exortam urgentemente alguns escritores.[[1]](#footnote-1)

\* Meiners 1780. *Historia doctrinae de vero deo omnium rerum auctore atque rechtore*.

*4) Herder,* Das Idades na Vida de uma Língua

[1] Quanto mais velho o jovem se torna, quanto mais séria sabedoria e sensatez política formam o seu caráter, mais ele se torna *másculo* e deixa de ser jovem. A língua, em sua idade máscula, já não é propriamente poesia, mas bela prosa. Todo estágio elevado se curva novamente para a queda, e se admitimos que um ponto no tempo da língua é o mais poético, depois dele a poesia tem de novamente de se curvar. Quanto mais ela se torna arte, mais ela se distancia da natureza. Quanto mais recatados e políticos se tornam os costumes, quanto menos as paixões atuam no mundo, tanto mais temas ela perde. Quanto mais afetados nos tornamos nos períodos, quanto mais abolimos as inversões, quanto mais palavras urbanas e abstratas são introduzidas, quanto mais regras uma língua recebe, tanto mais perfeita ela se torna, mas tanto mais perde a verdadeira poesia.

Nasceu então o período da prosa, e era a sua vez: pelo exercício e observação, esse tempo, porque lhe era o mais propício, se tornou a época da *bela prosa*, que usou comedidamente a riqueza de sua juventude, que limitou, sem abolir de todo, os caprichos [*Eigensinn*] dos idiotismos, que moderou a liberdade das inversões, sem no entanto se deixar prender pelas algemas da construção filosófica, que rebaixou o ritmo poético à harmonia da prosa, e que arredondou mais num período a ordenação antes livre das palavras – eis a época máscula da língua.

A idade elevada não quer saber de beleza, mas de *correção*. Esta lhe retira sua riqueza, assim como a dieta lacedemônia expulsa a volúpia ática. Quanto mais os gramáticos algemam as inversões, quanto mais o filósofo busca diferenciar ou eliminar os sinônimos, quanto mais consegue introduzir palavras em sentido próprio em lugar de palavras em sentido impróprio, tanto mais a língua perde encantos, mas também pecará menos. Um estrangeiro em Esparta não vê nem desorganização, nem divertimento. Esta é a época filosófica da língua.

[2]

Finalmente posso tomar fôlego e me aproximar mais de nossa língua. É fácil ver que essas épocas não podem ser simultâneas, na língua tampouco como no homem. Se ela é a mais altamente apta para a poesia, ela não pode ser uma língua altamente filosófica. Assim como *beleza* e *perfeição* não são a mesma coisa, também a língua mais bela e a mais perfeita não são possíveis ao mesmo tempo; a grandeza mediana, a bela prosa, é indiscutivelmente o melhor lugar, porque dali se pode desviar para ambos os lados.

Aqui, pois, se mostra em sua falsa luz a ideia predileta de muitos dos novos aprimoradores da língua: “enquanto a língua foi o dialeto do povo sensível, ela permaneceu fechada e imperfeita; o pensamento, o filosofar, as belas artes e as belas letras a levaram à perfeição“[[2]](#footnote-2). À perfeição filosófica, sem dúvida; mas infelizmente as belas letras têm outro ponto máximo: a beleza, e esta é subtraída por aquela. [...]

[3]

Onde se encontra nossa língua alemã? Em todos os Estados, a prosa é, em nossa época, a língua dos escritores, e a poesia, uma arte que embeleza a natureza da língua para agradar. Em comparação com as línguas antigas e com as línguas selvagens, os dialetos da Europa são mais para a reflexão do que para os sentidos e para a imaginação.

A prosa se tornou para nós a única língua natural, e desde tempos imemoriais – como devemos aprimorar essa língua? Como isso pode ocorrer? Devemos aprimorá-la mais na direção da língua poética, para que o estilo se torne mais multifacetado, belo e vivo, ou mais na direção da língua filosófica, para que se torne mais unilateral, correto e distinto; ou, se possível, na direção dos dois.

Num certo grau, isso pode e também tem de acontecer, em conformidade com nossa época, nossa maneira de pensar e nossa necessidade. Então não alcançaremos, certamente, o nível mais alto nos dois lados, pois os dois extremos não podem perfazer um único ponto, mas pairaremos no meio, colhendo nas línguas sensíveis empréstimos por meio de traduções e complementos, aplicando economicamente, mediante reflexões da filosofia, o que nelas foi tomado de empréstimo. Produziremos vantagens para os novos cidadãos, e não imitaremos a obstinação espartana, que impedia a entrada de todos os recém-chegados e costumes estrangeiros; mas, como a Academia della Crusca e como Johnson em seu dicionário, também contaremos, ordenaremos e utilizaremos os súditos do pais, de modo que as colônias estrangeiras possam apenas socorrer as falhas do Estado. – Formemos, pois, nossa língua pela tradução e reflexão.

Herder, *Fragmentos sobre a Literatura Alemã Recente*. In: *Werke*. Frankfurt: deutscher klassiker verlag, 1985, vol. I, p. 183-184; p. 184.

1. Contra a linguagem “genial” proposta por Herder, o texto essencial é *Vom einem neuerdings erhobenen vornehmen Ton in Philosophie.* Cf. também Logik Dohna, pp. 698-699. Wiener Logik, p. 801. [↑](#footnote-ref-1)
2. Breitinger, *Critische Dichtkunst*, vol. 2, *passim*. (NA) [↑](#footnote-ref-2)